

MUSEU DA MÚSICA, UMA RELÍQUIA DA CULTURA BRASILEIRA

*Roque Camêllo

Artigo publicado em dezembro de 2007, pela CASA DOS CONTOS, Revista do Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, do Ministério da Fazenda

Nosso presente é um instante, um ponto de intersecção, um pequeno gonzo entre o passado e o futuro.

É no chão do passado que as raízes se ocultam e assimilam a vida. O futuro depende essencialmente desse chão. Por isso, Mariana é sempre um convite a um mergulho na História que remonta à última década do século XVII, passa pelo Séculos XVIII, XIX, XX e chega a nossos dias.

O descobrimento da Leal Vila do Ribeiro do Carmo, sua elevação a cidade e a criação do primeiro Bispado no interior do Brasil são marcos fundamentais que legaram a Minas e a esta grande Nação um canteiro onde se fincaram raízes de uma cultura cristã e cívica, elementos de nosso sentimento pátrio.

16 de Julho é o Dia do Estado de Minas Gerais, como tal instituído em Lei ordinária e na Carta Constitucional em seu Artigo 256, cuja idealização completou trinta anos neste 2007. A efeméride é coincidente com a data de fundação de Mariana porque é aqui a pia batismal de Minas construída na argamassa da História pelas primazias desta urbes. Por esta razão, elegemos o 16 de julho para abrir as portas do Velho Palácio dos Bispos, uma edificação do Século XVIII, ampliada no Século XIX, saída das ruínas para abrigar o Museu da Música de Mariana, integrante do complexo denominado Centro Cultural Arquidiocesano Dom Frei Manoel da Cruz, homenagem ao primeiro titular da Diocese Marianense que o habitou a partir dos meados do Século XVIII. Ocuparam-no como residência seus sucessores até Dom Silvério Gomes Pimenta nos anos 20 do século passado, servindo a diversos outros objetivos. A inauguração do Museu em sua nova sede foi apoteótica, uma solenidade presidida pelo atual Arcebispo de Mariana Dom Geraldo Lyrio Rocha e com a presença de altas autoridades. Houve diversos concertos com orquestras executando obras do acervo do Museu, além da participação de cinco Bandas de Música da cidade.

Empresas como a Petrobrás, Samarco, Vale do Rio Doce, Caixa Econômica Federal, Fundação Vitae e Organismos Públicos, a seu modo e tempo, deram suas contribuições, aqui incluindo a voluntária assessoria jurídica do jurista mineiro e Conselheiro da FUNDARQ, professor José Anchieta da Silva.

Para salvar das ruínas este patrimônio de valor histórico e cultural, houve uma conjugação de esforços de muitos que entenderam os apelos do saudoso Arcebispo Dom Luciano Mendes.

Restaurado o prédio, nele instalamos o Museu da Música. Abriram-se as portas físicas de um museu que é o único do Brasil, portas físicas dizêmo-lo, porque, desde 2002, as virtuais já se encontravam abertas, registrando-se só no primeiro ano de implantação de seu site www.mmmariana.com.br mais de 100.000 visitas de todo o mundo.

Na verdade, é uma história que começa nos anos 60 quando o Arcebispo Dom Oscar de Oliveira, cidadão preocupado com a preservação do patrimônio cultural, iniciou uma verdadeira cruzada para recolher, aqui e alhures, partituras musicais e instrumentos de época. Assim, se pôde salvar substancial parte da memória musical brasileira.

Dom Oscar teve a colaboração de pessoas dedicadas a exemplo do Padre José Penalva, Maria da Conceição Resende, Maria Ercely Coutinho, Luiz Heitor, Berenice Menegale, Vicente Ângelo das Mercês, Aníbal Walter, Mons. Flávio Rodrigues Carneiro, Efraim Rocha e outros.

Nesse ínterim e após a vitoriosa solução para primeira restauração do Órgão Arp Schnitger, concluída em 1984 com a decisiva ação de um grande cultor da música, o

Engenheiro Francisco Noronha, atendendo apelo de Dom Oscar, surge, em 1986, a Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese, a FUNDARQ, com a finalidade de ser um braço desta como agente de promoção, preservação e conservação dos bens culturais religiosos existentes na circunscrição arquidiocesana, onde se concentra o maior acervo barroco do Brasil.

A FUNDARQ passou a elaborar projetos e identificar parceiros patrocinadores como a Petrobras que, desde 1987, vem investindo no nosso patrimônio cultural. Num primeiro momento, aportou recursos para a segunda restauração do Órgão Arp Schnitger, num segundo, para o Projeto Acervo da Música Brasileira – Restauração e Difusão de Partituras; num terceiro, na restauração do Palácio Velho dos Bispos visando nele instalar o Museu da Música e, por fim, no Projeto Instalação e Difusão do Acervo da Música.

Tais projetos foram fundamentais para o alcance do objetivo maior: Preservar e disponibilizar para o Brasil e para a Humanidade bens culturais de valor inestimável.

Provam-no alguns fatos que merecem registro. O Órgão Arp Schnitger, construído em 1701, único exemplar existente fora do Continente Europeu, é, sem dúvida, o mais importante instrumento musical de nosso país e que poderá ser tombado pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade junto com os outros poucos Arp Schnitger conforme processo nesse sentido de responsabilidade da Associação Internacional Arp Schnitger sediada na Holanda. O Arp Schnitger da Catedral faz parte do acervo instrumental do Museu da Música.

O projeto Acervo da Música Brasileira – Restauração e Difusão de Partituras se desenvolveu em três etapas nos anos 2001, 2002 e 2003, e, dada sua alta significação, em 2002, ensejou à FUNDARQ receber do Ministério da Cultura, pelo IPHAN, o prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade como o mais importante projeto cultural do Brasil em sua categoria.

Do projeto resultaram a publicação de 9 livros de partituras e a gravação de 9 CDs. Alcançando este trabalho o domínio público, recebemos o convite para que processássemos junto à UNESCO, a inscrição do acervo no Programa Memória do Mundo, em fase, hoje, de julgamento. Sua realização se constituiu numa das mais completas iniciativas na área de preservação do acervo musical do país, capaz de dar nova dimensão à Música Antiga Brasileira.

Inicialmente, recuperaram-se e catalogaram-se mais de 2 mil partituras de compositores brasileiros, portugueses e italianos dos séculos XVII a XX, a partir dos trabalhos anteriores de catalogação desenvolvidos pela Professora Maria da Conceição Rezende, nas décadas de 1970 e 1980. Para a tarefa foi convocada uma equipe de musicólogos brasileiros pela Fundarq, idealizadora do projeto. Sua coordenação foi entregue ao Santa Rosa Bureau Cultural. Obras que jamais haviam sido gravadas, receberam tratamento especial: uma série de CDs levou ao público o resultado final do projeto.

“Esta pesquisa está redimensionando a Música Antiga Brasileira. Novos compositores estão sendo descobertos e obras atribuídas de maneira equivocada a terceiros passam a receber o crédito correto, em um rigoroso trabalho”, diz o professor Paulo Castagna, da UNESP. As partituras referem-se, em sua ampla maioria, a exemplares de música sacra brasileira dos séculos XVIII e XIX, com algumas obras dos séculos XVII e XX. A música profana, que corresponde a algo entre 5 e 10% do acervo, está representada por danças de salão (polcas, mazurcas e valsas), modinhas e algumas peças instrumentais.

O projeto de edição e gravação das partituras do MMM trouxe à luz obras inéditas de grande valor artístico de alguns compositores já conhecidos, como é o caso do Padre João de Deus de Castro Lobo (1794-1832) e sua Matinas do Espírito Santo. Os musicólogos do projeto consideram esta peça – somente agora revelada ao público – uma obra-prima do autor.

Um dos mais célebres com composições no acervo do Museu é José Joaquim Emerício Lobo de Mesquita (c.1746 – 1805), mineiro do Serro, cujo bicentenário de falecimento ensejou a publicação “Lobo de Mesquita no Museu da Música de Mariana” que reproduz algumas de suas preciosas obras: Antífona de Nossa Senhora – Regina coeli laetare, Tercio – Diffusa est gratia, Responsório II das Matinas da Ressurreição – Cum transisset e Salmo 112 para Encomendação de Anjinhos – Laudate pueri.

Concluído o Projeto Acervo da Música Brasileira-Restauração e Difusão de Partituras, realizamos em 2003 o Iº Colóquio Brasileiro de Arquivologia e Edição Musical, sendo seus Anais publicados em 2004. Além de reunir em Mariana especialistas de diversas áreas da musicologia para um profícuo debate sobre os caminhos e as diretrizes da Arquivologia e da Edição Musical no Brasil, a FUNDARQ teve a oportunidade de homenagear a professora Maria da Conceição de Rezende que dedicou voluntariamente anos de sua vida ao Museu da Música.

Uma curiosidade é o grande número de partituras sem autoria definida. Os autores anônimos – uma característica da música antiga mineira - aparecem em todos os CDs da série. Mas compositores como Miguel Teodoro Ferreira (c1788-1818), Frutuoso de Matos Couto (Séc.XIX) e Manoel Dias de Oliveira (c.1735-1813) começam a ter sua memória resgatada com a aparição de obras importantes, anteriormente desconhecidas. Os trabalhos destes compositores eram, em sua maioria, apresentados por corais nas igrejas mineiras. Tanto pela grandiosidade quanto pela existência de dezenas de composições inéditas, os arquivos de Mariana são um dos mais importantes acervos de música antiga do Brasil. Trata-se de um projeto de grande vulto. Basta pensar na equipe de musicólogos, nos coros e orquestras selecionados para a gravação, nas partituras editadas, nos CDs projetados. Ao todo, mais de 150 pessoas estiveram envolvidas no projeto em cada ano.

O trabalho realizado pelos pesquisadores já é considerado uma referência na musicologia brasileira e internacional.

Atualmente está sendo desenvolvido o Projeto Instalação e Difusão do Acervo da Música sob a coordenação do musicólogo André Guerra que participou das fases anteriores, estando hoje o Museu sob a direção do padre Enzo Santos.

Mariana, cidade celebrada como a primaz de Minas, tornou-se também a pioneira no Brasil a instalar e pôr em funcionamento um museu dessa natureza. Com isso, eleva-se a Cultura nacional aos níveis dos países mais evoluídos do mundo e que têm compromisso com as raízes que alimentam a árvore do futuro.

*** Advogado, professor e Diretor Executivo da Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana – FUNDARQ e Diretor da AUI-MG**